

No Evangelho de Lucas, capítulo XX, há uma parábola dos lavradores maus. No final lemos este trecho:

"Que lhes fará pois o senhor da vinha?"

"Irá, e destruirá estes lavradores, e dará a outros a vinha. E, ouvindo eles isto, disseram: não seja assim!"

"Mas ele, olhando para eles, disse: Que é isto, pois, que está escrito? A pedra, que os edificadores reprovaram, essa foi feita cabeça de esquina.

"Qualquer que cair sobre aquela pedra ficará em pedaços, e aquele sobre quem ela cair será feito em pó".

Esta pedra é a doutrina de Jesus Cristo, tal qual nos legaram os seus discípulos.

Tristes perspectivas para os seus falsificadores!

II

Nº ARTIGO anterior começámos a analisar o livro do Sr. Ismael Gomes Braga, intitulado "ELOS DOUTRINÁRIOS": mostrámos o desprezo de s. s. pelos bons textos da Bíblia e sua preferência pelas edições adulteradas, "preparadas" pela Igreja Católica nestes últimos anos; referimo-nos à adulteração dos escritos e do pensamento de Allan Kardec em relação à obra de Roustaing, que o livro do Sr. Gomes Braga pretende defender contra a lógica, o bom-senso, o respeito à inteligência dos leitores e, sobretudo, o respeito aos textos bíblicos. Destacámos dez itens ou teses dos "ELOS DOUTRINÁRIOS", a fim de os estudar paulatinamente.

Vamos, pois, às teses. A primeira delas é:

A missão de Kardec foi notavelmente auxiliada pelo Sr. Roustaing "encarregado de organizar os trabalhos da fé, dando confirmação às revelações anteriores".

Incialmente, analisemos o caso Roustaing sob um aspecto mais geral, buscando saber se

o grande advogado francês foi mesmo um missionário, e missionário da Terceira Revelação.

Conforme os ensinamentos da doutrina espírita, missionário na Terra é o Espírito que, na vida de além-túmulo, ou escolheu ou aceitou uma tarefa importante a realizar entre os homens. Pela lógica, de que se não apartam os grandes Espíritos que nos trouxeram todo esse vasto acervo de materiais, que permitiram fossem os problemas do Espiritismo estudados sob critérios seguros e métodos realmente científicos, um Espírito missionário pode triunfar, como pode falir na sua missão, porque, apesar de desfrutar de livre arbítrio, suas forças entram em jogo com outras forças do meio social, as quais agem como modificadoras de seu impulso inicial, tanto em valor ou grandeza como em direcção ou ponto de aplicação, de modo que se constata um puro fenómeno de mecânica social. Pode triunfar ou falir em consequência da lei do karma, isto é, de seus antecedentes intelectuais, espirituais e, sobretudo, morais, cuja acção se haja reflectido no passado meio social. Pode ver-se rodeado de dificuldades insuperáveis, inerentes umas a seu próprio modo de ser, outras à acção de seus amigos e adversários de ambos os planos. Essas dificuldades podem ainda derivar-se da extemporaneidade de sua acção missionária, da sua inabilidade ou da inadequabilidade de seus métodos,

ou mesmo da falta de um plano que, como no campo militar, reveste dois aspectos — um táctico, outro estratégico.

Como quer que seja, a faléncia denota uma falha do Espírito que, com a derrota, deixa a prova de que se não havia preparado suficientemente, não tinha sabido cercar-se de companheiros, de auxiliares, de coadjuvantes, incarnados ou desincarnados, para uma tarefa que, via de regra, nunca tem cunho exclusivista e pessoal, jamais é confiada a um indivíduo isolado: é como se procede nos estados-maiores, onde se faz trabalho de equipe. Dentro da lógica, sempre guardada por todos os bons Espíritos, atendo-nos à relação "causa-efeito", o fracasso é sempre sinal de inferioridade, hipertrofia de Eu, orgulho e vaidade.

Sabe-se pelo ensino dos Espíritos que egoísmo e orgulho constituem as duas maiores fontes de males e fracassos. Deu-nos Kardec um belo exemplo de haver superado estas debilidades, recusando terminantemente intitular-se autor ou inventor de uma escola filosófica, de uma doutrina. Honesto como quem mais o for, não pode ser medido pela craveira daqueles que andam se escorando na adulteração do alheio pensamento para sustentar as próprias ideias. Esta falta se não a cometeu o próprio Roustaing, cometera-

-na os Espíritos inspiradores de sua obra; cometeram-na os seus partidários, tanto na França quanto no Brasil.

Ora — já o dissemos — não pode estar com a boa causa da Verdade quem procura esteia-la na mentira.

Assim sendo, podemos aceitar que Roustaing tivesse encarnado com uma certa missão: mas é fora de dúvida que falou porque aceitou inverdades; porque não deu à sua obra aquela força moral — que se encontra na obra kardeciana — de propagar a Verdade e separar-se da mentira e do erro.

Por que teria falido?

Porque ainda tinha, em alta dose, os resquícios da vaidade e do orgulho.

Procurou ele aliar-se a Allan Kardec e trabalhar em paralelo ou em convergência de objectivos? Submeteu as mensagens de seus supostos evangelistas, apóstolos "et caterva" ao exame da crítica sensata de outros estudiosos, que os havia em abundância, contemporaneamente à missão de Allan Kardec?

Não; não o fez. Buscou o isolamento. Eri-giu-se em flecha dessas catedrais góticas, que se espeta no céu, como que a dizer sempre: EU!

Kardec havia permitido na Sociedade Espírita de Paris a penetração dos roustainguistas. E,

quando se finou o Codificador, os partidários do "Jesus nem Deus nem Homem" foram se apoderando dos postos-chave da Sociedade e não tiveram pejo de adulterar a obra do mestre.

Que prova isto?

Um desespero de causa, a falência do missionário e uma obstinação, uma obsessão colectiva, que não podia deixar de ser, como de facto o é, obra do Anticristo.

E' triste confessar, mas a verdade é que se Roustaing foi um missionário, foi sobretudo um fracassado na doutrina da Terceira Revelação, porque deformou a doutrina de Jesus Cristo.

* * *

Pretende o Sr. Gomes Braga que Roustaing tenha sido *encarregado de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às revelações anteriores*.

Já vimos, pelo que ficou dito acima e pelo que dissemos no artigo anterior, que a ação de Roustaing e de seus prosélitos, no campo da doutrina, por seu carácter deformante dos textos bíblicos, foi e é anticristã, não podendo, por isso mesmo, ser tomada como de auxílio à missão de Kardec. Basta lembrar que foi justamente o roustainguismo que levou o fraccionamento e o divisionismo aos meios espíritas franceses, com-

prometendo a obra social que o Sociedade Espírita de Paris, fundada por Allan Kardec, já vinha realizando, a despeito da atenção deste estar voltada, precípuamente, para os escritos doutrinários.

Estudada assim a primeira parte da primeira tese, vejamos a segunda parte: "*encarregado de organizar a Fé*".

* * *

Kardec considerou o Espiritismo sob três aspectos fundamentais: o científico, o filosófico e o religioso; mas nunca afirmou que o Espiritismo fosse uma religião. Em escritos vários temos sustentado que segundo o conceito clássico de religião, esta se acha condicionada às influências do meio social, e pode ser considerada sob dois aspectos: o de interioridade e o de exterioridade. O primeiro se desenvolve pelo estudo, pela meditação, pelo conhecimento, aplicados aos superiores objectivos da vida e não é percebido por sinais externos; o segundo é a moda, é o ritual, é a liturgia, é tudo aquilo que fala aos sentidos e que, pouco a pouco, transforma as práticas religiosas num automatismo psicológico. A primeira dá a compreensão e alarga os horizontes espirituais; a segunda limita a inteligência e cria o fanatismo.

Como quer que seja, este último aspecto é o que prevalece em todos os cultos, em todos os tempos, dado o comodismo e o interesse dos dirigentes religiosos.

Assim, o que caracteriza uma religião é, essencialmente, o seguinte: 1.º — um conjunto de dogmas, impostos à razão e transformados em artigos da fé; 2.º — um ritual mais ou menos aparatoso, a cuja origem podemos remontar e buscar a sua significação no sincretismo religioso e nos fenómenos de psiquismo colectivo, terrivelmente persistentes em todos os povos, embora variem ligeiramente as causas eficientes; 3.º — uma hierarquia sacerdotal que dirige este segundo aspecto e guarda e amplia o primeiro.

Posto que, vez por outra, se encontre na obra de Kardec o vocábulo "DOGMA", este aí aparece mais com o significado de *ponto inconcusso de doutrina*, estabelecido à luz dos factos e das consequências destes decorrentes, do que de *ponto inconcusso de fé*, estabelecida, ou antes, imposta, mesmo que choque a razão e não se apoie em argumentos lógicos. Por isso mesmo Kardec sistematicamente nos diz que o Espiritismo não é uma religião.

Com efeito, no seu *O que é o Espiritismo*, 9.ª edição da F.E.B., ano de 1945, lemos à página 8:

"O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como

ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, comprehende todas as consequências morais, que dimanam dessas mesmas relações.

Podemos defení-lo assim:

O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal".

Mais adiante, à página 74, reafirma:

"O Espiritismo tem por fim combater a incredulidade e suas funestas consequências, fornecendo provas patentes da existência da alma e da vida futura; ele se dirige, pois, àqueles que em nada crêem ou que de tudo duvidam, e o número desses não é pequeno, como muito bem sabeis; os que têm fé religiosa e a quem esta fé satisfaz dele não têm necessidade".

Continuando, diz à página 79:

"Se hoje há luta entre a Igreja e o Espiritismo, nós temos consciência de não tê-la provocado".

E à página 84 assim aborda a questão dos dogmas:

"O Espiritismo é, antes de tudo, uma ciência, e não cura de questões dogmáticas. Esta ciência tem consequências morais como todas as ciências filosóficas: essas consequências são boas ou más?"

E' simples julgar-se pelos princípios gerais que acabo de expor".

E já na página seguinte, repisa:

"Melhor observado depois que se vulgarizou, o Espiritismo vem derramar luz sobre grande número de questões, até hoje insolúveis ou mal compreendidas. Seu verdadeiro carácter é, pois, o de uma ciência e não o de uma religião; e a prova disso é que ele conta entre seus aderentes homens de todas as crenças", etc.

E, cinco linhas adiante:

"Ele repousa, por conseguinte, em princípios independentes das questões dogmáticas. Suas consequências morais são todas no sentido do cristianismo, porque de todas as doutrinas é esta a mais esclarecida e pura; razão pela qual, de todas as seitas religiosas do mundo, os cristãos são os mais aptos para comprehendê-lo em sua verdadeira essência.

Podemos exporbá-lo por isso?

Cada um pode formar de suas opiniões uma religião e interpretar à vontade as religiões conhecidas; mas daí a constituir nova igreja, a distância é grande".

Em perfeita concordância, lemos à página 102:

"Eis porque, sem ser uma religião, o Espiritismo prende-se essencialmente às ideias reli-

giosas, desenvolve-as naquelas que não as possuem, fortifica-as nos que as têm incertas".

"A religião encontra, pois, um apoio nele, não para as pessoas de vistos estreitas, que a vêem integralmente na doutrina do fogo eterno, na letra mais do que no espírito, mas para aqueles que a vêem segundo a grandeza e a majestade de Deus".

Parece que temos o suficiente.

Como é sabido que todas as religiões se arrogam a posse exclusiva da Verdade e o culto do verdadeiro Deus, nenhum elemento forneceram os Espíritos a Kardec para constituir o Espiritismo em religião, como se vê dos trechos citados. Ele é um ciência na sua feição prática; e como versa os problemas gerais da evolução da vida universal, conduz-nos a generalizações máximas, isto é, a uma filosofia; e porque ciência e filosofia lidem com os problemas máximos do ser humano, os de sua origem, de suas vicissitudes, assim na matéria como fora dela, e porque nos aponta o destino irrefragável do Espírito, problema basilar de todas as religiões — mas insolúvel ou erradamente considerado em todas elas — é que o Espiritismo tem consequências religiosas, mas nunca será uma religião.

Seu papel é de esclarecer o homem; é de permitir a fé pela razão e nunca por imposição dogmática. Por isso, fiel ao pensamento expresso dos

Espíritos, não o converteu em religião nem tratou de a organizar; a fé não se sistematiza a não ser em foro íntimo e por acção pessoal. Consequentemente, desnecessário lhe era um missionário para a sinecura de "organizar o trabalho de fé". Tudo quanto era essencial, neste particular, Kardec já havia apresentado em *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiums* e *A Génesis* e, em seguida no *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e em *Céu e Inferno*.

Se Allan Kardec só se ocupou da obra de Roudtaing para a combater na *Revue Spirite*, como dissemos no primeiro artigo, é que não reconheceu no advogado de Bordéus as qualidades de seu coadjutor.

Ora, sabe-se que Kardec agia sempre de acordo com os Espíritos missionários, de alta estirpe, que lhe davam conselhos, mensagens, ideias, sugestões; que por vezes desciam a minuciosa análise de problemas de actualidade ou traçavam os lineamentos de problemas por vindouros.

Seria crível que Allan Kardec se houvesse enganado quanto à tarefa colaboracionista de Roudtaing? E, dado que se houvesse enganado, porque os Espíritos que o orientavam não esclareceram seu equívoco? Admitindo, ainda, que esses Espíritos houvessem cochilado porque, en-

tão, os tais evangelistas, apóstolos, Moisés & Cia do Sr. Roustaing não usaram de sua autoridade, sua hierarquia espiritual junto aos guias de Kardec? porque não os despertaram e fizeram corrigir o engano do Codificador, para que um missionário tivesse mais facilitados os meios de cumprir a missão que trouxera do plano espiritual?

Além disso, mesmo admitindo a necessidade que o Sr. Gomes Braga assina como tarefa de Roustaing, de *organizar a fé*, e considerando, ainda, que os roustainguistas brasileiros procuram dar o seu patrono como auxiliar de Kardec, força é convir que já veio tarde. Do ponto de vista espírita, considerando os assuntos gerais da doutrina, tal qual o consideraram Kardec e seus legítimos colaboradores, no tocante a fé o que é fundamental se acha em *O Livro dos Espíritos*, *A Génesis*, o *Céu e Inferno* e *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, todos organizados por Allan Kardec, publicados anteriormente à obra de Roustaing e contendo inúmeras passagens que, directa ou indirectamente, são contrárias à tese fundamental do roustainguismo, isto é, que Jesus Cristo não foi homem.

Ao contrário disso, os guias de Roustaing andaram apenas, na França como no Brasil, levando o autor da obra anticristã e os "aperfeiçoan-

dores" a torcer e falsear os Evangelhos, a tirar ilógicas e falsas ilações de versículos destacados do Velho Testamento, no afã de encontrarem apoio à mais antiga das heresias surgidas no seio da cristandade: a de que Jesus Cristo não foi homem.

Triste missão a do Sr. Roustaing e de seus partidários!

* * *

A terceira e última parte de tese que estamos discutindo diz que Roustaing veio dar "*Confirmação às revelações anteriores*".

Como? Onde se apoia o Sr. Gomes Braga, para externar um tal conceito?

A primeira revelação, o Velho Testamento, contém a lei de Deus, que os Judeus chamavam *Torah*; profetizava a vinda do Messias; batia-se contra os desvios sacerdotais e predizia acontecimentos futuros naquele conjunto de livros chamados *Nebiim*; estes abarcavam tanto os grandes como os menores profetas. Outros livros históricos e poéticos o completavam.

Nesses textos, onde há referências ao Messias, ele será um homem, um profeta, um rebenho da Casa de David. Tudo isso se cumpriu no tempo certo, no lugar predito, nas condições previstas pelos grandes videntes. Jesus Cristo ensina

a sua doutrina e seus apóstolos e discípulos a transmitem. São os escritos que constituem a Segunda Revelação.

De como se copiavam e se transmitiam esses livros sagrados diremos oportunamente. Baste, por hoje, dizer que havia regras rigorosíssimas para se lhes fazerem cópias, o que equivale quase a um trabalho impresso; conhecem-se o número de capítulos, de versículos, de palavras; sabe-se qual o capítulo mediano, qual a palavra central. Com um tal luxo de minúcias, difícil é fazer mutilações, enxertos ou interpolações. Esses escritos estão representando de dezenove a trinta e dois séculos de tradições, de resistência, de força moral, de valor e respeito ao que é espiritual; suportaram tremendas vicissitudes, sucessivas destruições, cativeiro e perseguições; para resistir a tudo e se manterem em tal harmonia que hoje quanto mais avança a ciência, mais se confirma quanto neles está escrito.

Desses escritos há actualmente quatro grandes códigos que constituem preciosidades de um valor incalculável; são eles: o *Sináitico*, na Biblioteca de Moscou; o *Vaticânico*, em Roma; o *Alexandrino*, no Museu de Londres e o de *Efrem*, em Paris. Deles falaremos oportunamente com alguns detalhes. Por hoje limitamo-nos a dizer que o primeiro tira seu nome de um mosteiro de

padres ortodoxos gregos, no Monte Sinai — o célebre Mosteiro de Santa Catarina: tem uma altíssima antiguidade e foi descoberto em 1844 por Tischendorf, professor da Universidade de Lípsia; o segundo remonta ao quarto século de nossa era e já em 1475 era citado no catálogo da *Biblioteca do Vaticano*; o terceiro, que se acha no *Museu de Londres*, procede na África e é tido como tendo pertencido a Santa Tecla, que foi abadessa de um convento em *Alexandria*; sua primeira referência é do ano de 1098 quando foi apresentado ao patriarca de *Alexandria*, de onde lhe vem o nome; por fim o último, também chamado *Codex Regius Parisiensis*, encontra-se na *Biblioteca de Paris*; o nome de *Código de Efrem* se deve ao facto de um escriba o haver parcialmente estragado, para o utilizar como palimpsesto, aí copiando a obra de um sírio, Pai da Igreja, chamado *Efrem* ou *Efraim*.

Todos são concordes; todo o mundo os respeita — menos a Igreja Católica e com ela, os Espíritos que vieram inspirar o Sr. Roustaing.

Convenhamos que a maneira por que o fizemos está longe de “*confirmar as revelações anteriores*”. Ao contrário, a tese de Roustaing opõe-se a várias passagens que se acham nesses textos, os quais, mesmo para os incrédulos, devem ser sagrados. Estes não podem ser assim, levianamente, postos em dúvida ou apontados como

inverídicos. Para tanto fora mister um estudo comparativo, uma refutação honesta, uma argumentação lógica, e isso só se consegue a custa de muito estudo sistemático e paciente, o que requer anos de devotamento para tentar prová possíveis inverdades em textos tão respeitáveis.

Mas não assim para os roustainguistas. Rous- taing deixou-se contaminar pela moda da época, de conversar com os Espíritos; tomou gosto e quis tornar-se célebre, rivalizando ou superando Kardec. A vaidade foi a brecha por onde entraram os mistificadores. O resultado aí está: os Espíritos clericiais *fizeram um carnaval*; acabaram desorganizando na França o que Kardec paciente, humilde e sàbiamente havia organizado.

Em relação ao caso no Brasil, os mesmos mistificadores encontraram o terreno fácil, mercê da incultura geral do povo, da falta de conhecimento sistematizado de assuntos religiosos nas camadas mais cultas e, principalmente, da grande falha do brasileiro, no tocante ao conhecimento do livro singularíssimo, que é a Bíblia. O sincetismo religioso encarregou-se do resto.

Já é tempo de destruir o equívoco representado pelo roustanguismo.

III

Os leitores de AURORA que porventura se tenham interessado pelos artigos anteriores desta pequena série, onde vimos analisando o livro do Sr. Ismael Gomes Braga, intitulado "ELOS DOUTRINÁRIOS", devem estar lembrados do que ali dissemos. De início mostrámos estranheza ante a originalidade daquele autor em desprezar as velhas Bíblias respeitáveis, para dar preferência às edições recentes, "preparadas" no Brasil por padres católicos, onde certos textos, referentes a Jesus Cristo, são alterados, mutilados ou ajeitados, de molde a servirem como argumento em favor dos dogmas da Santíssima Trindade e da Imaculada Conceição. Ainda naquele artigo escolhemos dez pontos capitais, ou teses, contidas no referido livro, e nos propuzemos a sua refutação.

No segundo artigo examinámos a primeira destas teses, que diz

I — "Que a missão de Kardec foi notavelmente auxiliada pelo sr. Roustaing, "encarregado de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às revelações anteriores".